

DA FILOSOFIA DO PROCESSO ÀS INTERAÇÕES SIMBÓLICAS: uma reflexão para os estudos organizacionais

BRUNO EDUARDO SLONGO GARCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

DA FILOSOFIA DO PROCESSO ÀS INTERAÇÕES SIMBÓLICAS: uma reflexão para os estudos organizacionais

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio é pautado na perspectiva em que o mundo é visto como ‘um mundo de processos’, fortalecida sobre a ontologia do devir que defende um movimento contínuo, denominada de perspectiva processual. Esta perspectiva é dinâmica caracterizada pelo tornar-se (*becoming*), a qual modifica a maneira como conceituamos, interpretamos e analisamos as organizações (Matitz & Chaerki, 2018).

Neste sentido, a noção de organização como um conjunto de atividades que originam os processos é contraposta pelo conceito proposto por Weick (1979). O autor destaca que as organizações são uma gramática consensualmente validada, que busca reduzir a equivocidade por meio de comportamentos sensíveis interligados. Ou seja, organizar é reunir ações interdependentes e contínuas em sequências sensatas que geram resultados sensíveis.

O conceito de organização proposto por Weick (1979) permite modificar o entendimento a respeito dos ambientes. Neste sentido, outras pesquisas, como proposto por Hodgson (2001) em estudos da área de estratégia, propõe a distinção dos ambientes como micro e macro, contudo, o conceito interposto por Weick (1979) e nos estudos processuais (Langley & Tsoukas, 2017) essa distinção é contraposta por uma *flat ontology* ou ontologia plana, a qual explica as distinções dos ambientes como diferentes níveis de complexidade.

As divisões em ambientes micro e macro contrapõem-se à existência das organizações como processos. Para tanto, a filosofia do processo elaborou explicações alternativas demonstrando que existe uma tênue distinção entre os ambientes pautada na complexidade. Em resumo, na perspectiva processual as organizações estão em ambientes diferentemente complexos, em fluxo constante e mutuamente interagindo (Langley & Tsoukas, 2017).

Com base no pensamento do fluxo constante, Mead (1932) explica o surgimento do indivíduo como um processo social complexo que mutuamente interage com outros indivíduos, organizações e ambientes. Assim, o indivíduo se diferencia das demais formas de vida pela capacidade de agir reflexivamente e utilizar símbolos para indicar implicações para si e para com os outros.

Nesta compreensão, os símbolos adquirem significado por meio das interações e são compreendidos no grupo social em que o indivíduo é membro. Neste ponto as proposições de Mead aproximam-se da perspectiva processual ao abordar as interações como um processo denominado de interacionismo simbólico, pois o indivíduo vivencia processos de interações que devem ser analisados no contexto em que se encontram (Langley & Tsoukas, 2017).

Diante do exposto, estudos recentes têm tratado o interacionismo simbólico como uma explicação para fenômenos organizacionais e sociais, como mudança, formação de culturas, subculturas e inserção de novas práticas (Fuller, 2015; Schwalbe; Mctague & Parrotta, 2016). Esses estudos propõem compreender fenômenos que excedem o domínio microssocial, compreendendo contextos mais amplos como a organização, contudo, não avançam na compreensão do interacionismo como um processo que está presente no contexto organizacional com diferentes níveis de complexidade, limitando seus achados como convencionados a um nível específico de análise, como o indivíduo.

Desconsiderando a premissa do processo, os estudos não permitem compreender como as interações se desenvolvem para contextos mais amplos, como é possível compreender por meio de uma ontologia plana.

Os níveis de análise, conforme mencionados, partem do entendimento de Doise (1986), como indivíduo (intraindividual), grupo (interindividual) e organização (social). Considerados como múltiplos níveis, são pautados em diversos aspectos da realidade social, quando abordados pela lente processual podem permitir captar fenômenos articulados socialmente, como as interações.

Para tanto, a partir da aproximação dos conceitos da perspectiva processual para o interacionismo simbólico, este estudo tem como objetivo *propor as interações simbólicas como um processo em múltiplos níveis de análise nos estudos organizacionais*. Alicerçado na perspectiva processual, buscamos contribuir para os estudos sobre interacionismo simbólico na aproximação dos conceitos de processos, eventos e temporalidade nas interações. Na aproximação dos conceitos é possível proceder para a proposição da ontologia plana como alternativa para abordar múltiplos níveis de análise nas pesquisas, tal compreensão torna-se relevante para captar a realidade das organizações como fluídas. Portanto, ao olhar somente para um nível de análise não é possível compreender o interacionismo simbólico de forma ampla na construção social da realidade, visto que as interações são processos.

Para cumprir com o objetivo proposto, o trabalho está organizado em três seções, além da introdução. Na primeira seção são explanados alguns conceitos para compreensão da perspectiva processual, já na segunda, discutimos o interacionismo simbólico aproximando-o da filosofia do processo. Na terceira abordamos como o interacionismo simbólico tem sido compreendido nos estudos organizacionais, para então, na quarta seção propor as interações simbólicas como um processo que atua em múltiplos níveis de análise. Na quinta e última, discutimos a ontologia plana e uma possível agenda de pesquisa para os estudos organizacionais.

2. COMPREENDENDO A PERSPECTIVA PROCESSUAL: ALGUNS CONCEITOS

O argumento apresentado na introdução deste estudo contrapõe-se à distinção de ambientes micro e macro, pensamento que Langley e Tsoukas (2017) chamaram de *flat ontology* ou ontologia plana. Esta ontologia busca capturar como macro construções aparentes, emergem de um conjunto de elementos heterogêneos. Este pensamento vê o mundo como - um mundo de processos – isto é, o processo é um constante devir, em que estado de tempo contínuo (Bergson, 2001). Por exemplo, ele não parou só porque estamos lendo esse *paper*, ele manteve-se em curso, progredindo de forma não linear.

Como uma ontologia que modifica a maneira de estudar as organizações, a perspectiva processual possui um vocabulário e conceitos próprios. Há um ponto essencial para compreensão desta perspectiva, além dos conceitos centrais, sua teorização ocorre a partir da linguagem filosófica. Sendo assim, iniciamos pelo conceito de processo.

Afinal, o que é um processo? Essa definição não é simples e deriva da metafísica, contudo, não a obedece pois não se trata de unidades subatômicas ou causalidades. Antes é um compromisso ontológico que vê o mundo como constantemente se tornando (*becoming*). Essa é a natureza da realidade, fluida e em constantes mudanças (Langley & Tsoukas, 2017).

Não é possível falar em processo sem pensar em temporalidade, isto é, o tempo é um *continuum*, como mencionado anteriormente ao conceituar processo. Ao propor estudar as organizações como processo, os pesquisadores se deparam com o contínuo em que a mudança é constante, a regra da realidade, em que a estabilidade é a exceção que deverá ser explicada (Deleuze, 1954). A partir destes elementos, o constante movimento e a mudança tornam-se um entrave para estudar as organizações como processo e suscitam questões, por exemplo, como estudar o que está em constante movimento?

Whitehead (1978) contribui para responder esta inquietação ao mencionar o conceito de eventos. Os estudos pautados na perspectiva processual podem encontrar um caminho metodológico por meio dos eventos, os quais são objetos aparentemente imutáveis da experiência sensorial, que se imbricam em outros eventos menores, são compostos pela atração de elementos que estão dispostos no campo. As organizações possuem um início, meio e fim, assim como os eventos, portanto, podem ser estudadas a partir dos eventos para compreender o processo. Em resumo, para estudar os processos são observados os eventos que os compõem. Com base nos conceitos apresentados e que permitem compreender o argumento deste estudo, a próxima seção discute o interacionismo simbólico e como este se aproxima da perspectiva processual a partir dos conceitos de processo, evento e temporalidade.

3. UM CAMINHO PARA COMPREENSÃO DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O interacionismo simbólico é uma perspectiva teórica enraizada na dimensão pragmatista, como tal, concorda com uma realidade socialmente construída e mediada por símbolos, contrapondo-se a concepção racionalizada, pré-determinada e mecânica da realidade (Aksan; Kisac; Aydin & Demirbukem, 2009).

O interacionismo simbólico tem seus pressupostos descritos na obra seminal de George Herbert Mead (1934), foi considerado uma resposta às sociologias tradicionais que atuavam no campo científico, como o funcionalismo de Parsons e o estruturalismo de Lévi-Strauss que examinam a sociedade de ‘cima para baixo’, ou seja, como relações dispostas em uma hierarquia. O funcionalismo e o estruturalismo consideram que a sociedade é moldada pelas instituições e estruturas sociais, como consequência, orientam e limitam o comportamento dos indivíduos.

Diante do exposto, o interacionismo simbólico surgiu como uma explicação ao poder normativo das instituições sob os indivíduos. Porém, as críticas ao nível macro da abordagem institucional também suscitaram críticas ao interacionismo simbólico e o foco nas microrrelações, o que propomos avançar ao associar com a perspectiva processual. Contudo, as críticas não descaracterizaram o interacionismo como um pensamento para explicar a constituição da sociedade e a construção social da realidade.

Em resposta às críticas recebidas, Mead (1934) buscou demonstrar que os atos dos indivíduos possuem constituições externas e internas que atuam como estímulos para outro indivíduo, o que chamou de o ser humano constituído por meio do ato social. Langley e Tsoukas (2017) explicam o ato social em virtude da atividade encoberta do ato, como os significados concebidos nas interações, ou seja, processos.

Para demarcar o argumento central que guia o interacionismo devemos aceitar o pressuposto de que a sociedade é criada e mantida por meio de interações constantes entre os indivíduos. Ao aceitar as interações como a tradição simbólica, é estabelecido o

protagonismo do indivíduo como responsável por conceber a sociedade como uma construção social da realidade (Carter & Fuller, 2015).

Nesta perspectiva a sociedade é resultado das interações dos indivíduos, a partir dos significados subjetivos que são dados pelas repetições e, por consequência, irão compõem a sociedade e as estruturas sociais. A partir desta compreensão, os indivíduos são sujeitos-chaves da interação simbólica que avaliam a si mesmos, as pessoas e os objetos que estão ao seu redor, atribuindo significado aos objetos e as relações que constituem com os outros (Aksan; et al., 2009).

A atribuição dos significados é realizada por meio dos símbolos que estão na interação, ou seja, quando o indivíduo se identifica com os símbolos, ele atribui significado a eles. Essa discussão leva ao ponto que Mead tomou como a centralidade do interacionismo: deve haver reconhecimento do outro para que se configure uma interação que existe para além do indivíduo, ou seja, é um processo de reconhecimento entre indivíduos.

De acordo com os elementos aqui expostos, são compreendidas algumas características do interacionismo simbólico, a citar: os indivíduos agem de forma individualizada e coletiva, os seres humanos são ativos e não se limitam as forças do ambiente externo, mas, encontram-se inseridos na sociedade enquanto constroem a realidade social. Após o entendimento do interacionismo simbólico, a próxima seção aproxima essa abordagem da perspectiva processual a partir dos conceitos de processo, evento e temporalidade.

3.1 Interações simbólicas e os conceitos da filosofia do processo

Mead é um filósofo do processo, que por meio da Teoria Social da Formação da Identidade rompeu com a ideia da época formada na psicologia. Seu argumento estava na ideia de que o sujeito é individual, contudo, é a intersubjetividade do indivíduo pressupõe a interação. Nas premissas do interacionismo simbólico os indivíduos não agem somente para si, mas, para a coletividade (Langley & Tsoukas, 2017).

Nesta perspectiva, ao interagir, o indivíduo assume papéis, isto é, o que fala assume a atitude para quem quer se dirigir, dando origem a si mesmo e a mente do indivíduo (Mead, 1934). Os papéis suscitam a ação dos seres humanos em direção às coisas como interações, ou seja, das interações surgem os significados que são negociados entre os indivíduos. Para tanto, a interação é o processo em curso, como o tornar-se do indivíduo e do meio social em que está. Neste ponto, resgatamos o nosso argumento ao mencionar o contínuo: a interação é um processo que excede o indivíduo para o coletivo (Blumer, 1969).

Retomando o ato, este tem um passado, presente e futuro, por meio do qual podemos aproximar o interacionismo da filosofia do processo. Assim, abordamos o ato como um evento, formado por múltiplos eventos menores, ou seja, nas interações existe o ato de significar formado por eventos. A realidade existe no presente, em que o significado que lhe foi atribuído nas interações, torna-se e desaparece, as interações permanecem como processo, enquanto os significados são negociados como eventos, com início, meio e fim, assim sendo, são revisitados e permanecem continuamente sendo modificados (Mead, 1932).

Os significados como eventos estão sujeitos a interpretações contínuas, precedidas pela interação. Na reinterpretação os seres humanos se submetem aos significados para lidar com o que encontram no processo de interações. Neste sentido, as coisas adquirem significado para o indivíduo dentro de um contexto específico, em que o ser humano se

encontra imerso, são tratados e modificados por um processo interpretativo pessoal (Blumer, 1969).

No contexto das organizações, os relatos não capturaram a realidade da vida organizacional devido à ausência de sensibilidade para captar o processo da interação (Langley & Tsoukas, 2017). Temos privilegiado as estruturas e negligenciado as interações, abordadas como microssociais e irrelevantes, contudo, por meio da perspectiva processual é possível observar as interações como um fenômeno amplo para explicar o contexto organizacional (Blumer, 1969).

Os elementos descritos nesta seção demonstram como os conceitos da perspectiva processual se aproximam do interacionismo simbólico. A partir desta reflexão, é possível discutir como as interações podem ser mais bem compreendidas nos estudos sobre o tema a partir da ontologia plana, ao invés de privilegiar níveis de análise. Desta forma, a próxima seção busca demonstrar tal proposição a partir da abordagem do interacionismo simbólico como um processo.

4. O INTERACIONISMO SIMBÓLICO PROCESSUAL

O panorama atual do interacionismo simbólico em estudos organizacionais analisa fenômenos associados às interações nas organizações, como mudanças em práticas e a construção de cultura. Pesquisas recentes, como por exemplo, as propostas por Fuller (2015); Schwalbe, McTague e Parrotta (2016) discutem a perspectiva teórica como base para construção social da realidade nas organizações.

Em seus achados os autores demonstram como as interações permitem compreender fenômenos no contexto organizacional, como o engajamento dos empregados, a constituição da visão compartilhada e a mudança. Desta forma, o interacionismo explica como estes fenômenos se desenvolvem nas organizações a partir da compreensão das interações mediadas por símbolos e significados (Garrety; Badham; Morigan; Rifkin & Zanko, 2003; Barnett, 2011).

Em outras pesquisas, Kezar (2013), Freitas e Mello (2013) estudam como as interações e as mudanças estão relacionadas as organizações. Os autores concluem que os significados modificam a condução da mudança, atingindo todos os envolvidos. As mesmas interações que permitem os significados, promovem papéis que serão assumidos pelos indivíduos, como a liderança.

A partir da leitura dos trabalhos mencionados a respeito do interacionismo simbólico, percebemos que intrinsecamente os pesquisadores investigam múltiplos níveis de análise, como observado a partir da conceituação do interacionismo como processo proposto nesta reflexão, contudo, suas conclusões tratam apenas de um nível: a organização. Tendo como ponto de partida esta constatação, nos apropriamos da crítica colocada por Doise (1986) e o empobrecimento dos estudos em virtude da miopia e negligência com a compreensão das interações em múltiplos níveis de análise. Desta forma, desenvolvemos o objetivo deste estudo propondo o interacionismo simbólico como processo em múltiplos níveis de análise nos estudos organizacionais.

Para tanto, a partir das colocações que aproximam a perspectiva processual do interacionismo, compreendemos que os estudos não têm percebido o interacionismo simbólico como um processo, mas com uma abordagem linear ou cíclica, levando os pesquisadores a priorizar as conclusões em um único nível de análise para seus estudos, assim, não permite observar o tornar-se que está presente na perspectiva processual. Como consequência, as pesquisas mencionadas nesta seção focam suas conclusões em explicar

um nível, quando o interacionismo está em múltiplos níveis de análise, inclusive mediado por símbolos.

Tomamos como o início para a proposição dos múltiplos níveis a afirmação de Mead (1934) ao afirmar que – tudo é processo – e retomamos o nosso argumento exposto na seção anterior: as interações são processos que estão em um mundo de eventos. Como um processo, a interação excede o indivíduo, não se limitando a um único nível de análise, antes expande-se do indivíduo para o grupo e, conseqüentemente, a organização.

Podemos afirmar que existe um ponto de partida no interacionismo simbólico, em que o significado é criado por meio de interações (Langley & Tsoukas, 2017), para ocorrer em múltiplos níveis parte do **indivíduo (intraindividual)**. O *locus* da interação está no indivíduo que está no processo com seres inanimados e com os outros indivíduos. O processo é mediado por símbolos, como a linguagem, e constituído por eventos como os significados.

No processo da interação os significados são constantemente revisitados e reinterpretados, visto que, permanecerem mudando. Se prosseguirmos a reflexão para o contexto organizacional podemos atrelá-la ao pensamento de Hall (1987), as interações permitem que a realidade seja negociada no grupo de indivíduos. Como seres intersubjetivos a continuidade da interação prossegue para outros indivíduos, no qual emerge um novo nível de análise a ser reconhecido nos estudos do interacionismo simbólico, o **grupo (interindividual)**.

À medida que os indivíduos interagem, no consenso estabelecem a realidade socialmente construída (Mead, 1934). Esse é o processo da interação que permanece no tornar-se, isto é, no contínuo, excedendo o indivíduo e sua intersubjetividade. Desse modo, a realidade construída passa a figurar no contexto organizacional, emergindo o nível de análise da **organização (social)**.

Quando as interações atingem o nível da organização determinados fenômenos organizacionais emergem, por exemplo, as culturas. Na visão do interacionismo simbólico como processo, as culturas surgem por um consenso que partem do indivíduo para os outros e permanecem em constante processo de interação ao ponto de constituir a realidade da organização. Assim, a cultura surge como “uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, ‘relacionada ao tempo’, de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana” (Mintz, 2010, p.223).

As culturas como um fenômeno no contexto organizacional, usufruem da intenção que estabelece a realidade construída a partir das interações dos indivíduos. Neste entendimento, o tornar-se permanece no processo da interação, mas, quando os indivíduos interagem e subvertem com as culturas dão origem às subculturas “como conjunto restrito, marginal ou minoritário de práticas” (Simões & Campos, 2016, p. 275).

Ao observarmos o interacionismo simbólico sob a perspectiva seminal de Mead (1934) e a abordagem processual discutida por Langley e Tsoukas (2017), identificamos que nos estudos sobre o assunto há uma multiplicidade de níveis de análise imbricados. Nosso entendimento partiu do conceito de interação como um processo contínuo para a percepção dos níveis indivíduo (intraindividual), grupo (interindividual) e organização (social). Quando aproximamos a perspectiva processual do interacionismo, notamos que o tornar-se faz com que as interações estejam em constante movimento nesses níveis de análise.

Portanto, as interações são formadas por eventos de significados e por símbolos, e como tal, criam o que os filósofos do processo chamam de devir, que é o próprio movimento em que o processo se encontra. Esse devir pode ser observado nas interações fluindo do indivíduo para o grupo e a organização, como citado anteriormente ao falarmos

de cultura e subculturas. Para atender a esta perspectiva processual do interacionismo simbólico é necessário empregar a sensibilidade, a qual tem por objetivo demonstrar como o processo da interação flui em múltiplos níveis de análise.

A reflexão aqui exposta, contribui para compreensão da realidade construída pelas interações como processo. Com base na abordagem processual, é evidenciado o tornar-se em que as interações estão submetidas, captadas somente pela sensibilidade do processo. Portanto, quando Scott e Davis (2007) descrevem as organizações como complexas e em movimento, no interacionismo compreendemos que este movimento é perpétuo, pois as interações como processo, permeiam o que chamamos neste estudo de fluidez em múltiplos níveis, o indivíduo (intraindividual), grupo (interindividual) e organização (social).

A reflexão aqui descrita nos possibilita estabelecer uma crítica construtiva aos estudos no interacionismo simbólico: se as pesquisas atuais compreenderem que as interações são processos formados por eventos de significados, compreenderão que os estudos interacionistas no contexto organizacional, devem ser captadas no seu todo, nos seus múltiplos níveis.

5. CONSIDERAÇÕES NEM UM POUCO FINAIS: ONTOLOGIA PLANA E UMA POSSÍVEL AGENDA DE PESQUISA

Diante do nosso argumento das interações como processo, os estudos pautados na filosofia do processo podem encontrar nos eventos um caminho metodológico para estudar sob esta perspectiva. Contudo, um fenômeno processual em múltiplos níveis de análise requer uma ontologia plana, ou seja, uma *flat ontology* (Langley & Tsoukas, 2017).

A ontologia plana é discutida em outras abordagens como as práticas sociais (Schatzki, 2001), nesta concepção, as distinções de micro ou macro são diferenciadas por níveis de complexidade, para tanto, não são priorizadas hierarquias na compreensão dos níveis de análise da pesquisa, mas, abordadas como construções planas que emergem das relações que são estabelecidas.

Bhaskar (1975) insere a ontologia plana ao questionar as ontologias tradicionais, como o positivismo, para o autor os positivistas tendiam a colocar o observador em uma hierarquia que se sobressaia à realidade observada. Neste contexto, Harman (2010), por exemplo, questiona a distinção entre objetos e seres vivos, como se o primeiro fosse subordinado ao segundo, propondo que estamos em um entendimento plano de relações e significados, a reflexão do autor se assemelha à abordagem dada pelo interacionismo simbólico aos objetos, em que objetos representam mediadores de significado, ou seja, símbolos. Nessa relação, a dualidade sujeito-objeto é superada para compreender que não existem privilégios ao observador em detrimento do que é observado, pois os símbolos também interagem e contribuem na formação de significados (Jungk, 2018).

Em sua obra, Bhaskar, explica o processo de atribuir significados com a presença de objetos (1975, p. 2, tradução nossa) ao discutir um realismo transcendental, em que:

“[...] os objetos, dos quais na atividade social do conhecimento da ciência são obtidos, ambos existem e agem independentemente dos homens e, portanto, de sentido humano – experiência. Agora, tais objetos, após análise, não aparecem como conjunções ou seqüências de eventos, mas como estruturas que normalmente estão defasadas com eles.”

Para tanto, a ontologia plana é uma explicação não hierárquica e processual das relações entre quem observa e é observado e, para tanto, permite situar os níveis de análise nas pesquisas interacionista em um contexto amplo, conforme exposto na Figura 1.

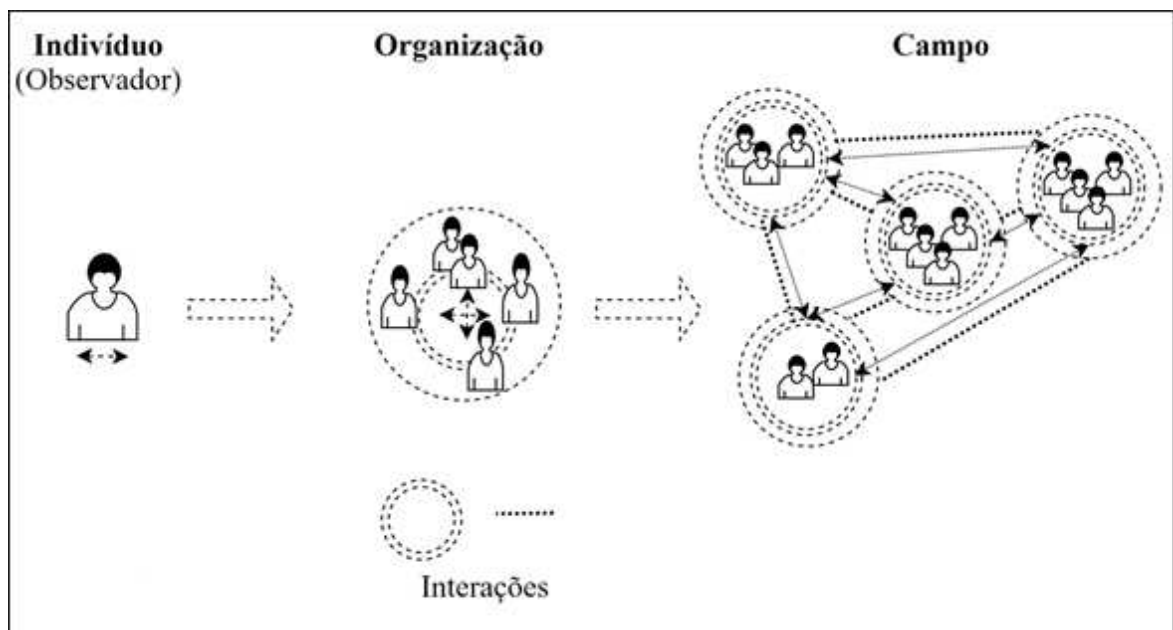


Figura 1 – Ontologia plana

Fonte: Os autores com base em Bhaskar (1975); Langley e Tsoukas (2017)

A Figura 1 demonstra que a ontologia plana considera a distinção entre os níveis por meio da complexidade, não por uma hierarquia que os tornam subordinados entre si. Quando os estudos organizacionais buscam compreender fenômenos interacionistas também tratam de dinâmicas sociais, constituída por um emaranhado de elementos. Como tal, devemos abordar os atores em meio e nas relações que estabelecem no campo, bem como os símbolos e significados que constituem essas relações.

Partindo destas concepções, os estudos organizacionais que utilizam o interacionismo simbólico, podem observar relações micro sociais e expandir a compreensão para outros níveis de análise por meio de uma ontologia plana. Langley e Tsoukas (2017, p.8) sugerem que as concepções de micro e macro níveis de análise sejam compreendidas como planas em que “macro construções emergem de um conjunto de elementos heterogêneos”.

Pautados no interacionismo simbólico como um processo em uma ontologia plana, sugerimos uma agenda de pesquisas com questões baseadas na reflexão deste ensaio, a saber:

Questão 1. Como as mudanças organizacionais podem ser explicadas a partir da atribuição de significados negociados nas interações?

Questão 2. Qual o papel das interações simbólicas na formação de estratégias em organizações híbridas?

Questão 3. Como a pandemia da covid-19 proporcionou ressignificações nas organizações de ensino superior no Brasil?

Questão 4. Qual(is) o(s) efeito(s) das mudanças nos esquemas de interpretação dos indivíduos na formação de subculturas nas organizações?

Por fim, este ensaio contribui para fomentar discussões a respeito do interacionismo simbólico como um processo nos estudos organizacionais, para tanto, apontamos a ontologia plana como um caminho adequado para superar as críticas à ênfase microsocial dada no interacionismo. Ademais, sugerimos os eventos como forma de estabilizar essa

realidade fluída e de difícil compreensão metodológica para os estudos pautados na filosofia do processo.

REFERÊNCIAS

- Aksan, N., Kısac, B., Aydın, M., & Demirbukan, S. (2009). *Symbolic interaction theory. Procedia Social and Behavioral Sciences*, 1(1), 902904.
- Barnett, K. (2011). System members at odds: Managing divergent perspectives in the higher education change process. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 33(2), 131-140.
- Bergson, H. (2001). Time and free will: An essay on the immediate data of consciousness, trans. *FL Pogson (London 1950)*.
- Bhaskar, R. (1975). Forms of realism. *Philosophica* 15(1). pp. 99-127. Recuperado de: <https://www.philosophica.ugent.be/wp-content/uploads/fulltexts/15-8.pdf>
- Blumer, H. (1969). Fashion: From class differentiation to collective selection. *The Sociological Quarterly*, 10(3), 275-291.
- Carter, M. J., & Fuller, C. (2015). Symbolic interactionism. *Sociopedia. isa*, 1, 1-17.
- Deleuze, G. (1954). "A concepção da diferença em Bergson". In: Deleuze, G. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Tradução de Lia Guarino e Fernando Facundes Ribeiro. Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- Doise, Willem (1986). *Levels of explanation in social psychology*. Cambridge: University Press.
- Garrety, K., Badham, R., Morigan, V., Rifkin, W., & Zanko, M. (2003). The use of personality typing in organizational change: Discourse, emotions and the reflexive subject. *Human Relations*, 56(2), 211-235.
- Harman, G. (2010). *Towards speculative realism: Essays and lectures*. John Hunt Publishing.
- Hodgson, G. (2001). A evolução das instituições: uma agenda para pesquisa teórica futura. *Econômica*, 3(1), 97-125.
- Jungk, I. (2018). Contribuições de Simondon para o realismo contemporâneo: Ontogênese e evolução dos objetos técnicos. *Revista ECO-Pós*, 21(2), 248-267. Doi: <https://10.29146/eco-pos.v21i2.18352>
- Langley, A., & Tsoukas, H. (2010). *The Sage Handbook of process organization studies*. Sage, 1(1), 1-679.
- Mead, George Herbert. 1934. *Mind, Self and Society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Matitz, Q. R., & Chaerki, K. (2018). Process philosophy's potential contributions to innovation process research within organization studies. *INMR - Innovation & Management Review*, 15(4), 386-393. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rai/article/view/153108>
- Mintz, S. W. (2017). Cultura uma visão antropológica. Tradução do ensaio "Culture: An Anthropological View publicado originalmente em *The Yale Review*, XVII (4), 1982, p. 499-512. Revisão de Leda Maia, Maria Regina Celestino de Almeida e Cecília Azevedo.
- Schwalbe, M., McTague, T., & Parrotta, K. (2016). *Identity Contests and the Negotiation of Organizational Change*. In *Advances in Group Processes* (pp. 57-92). Emerald Group Publishing Limited.

- Scott, W. R.; Davis, G. F. *Organizations and Organizing: Rational, Natural and Open Systems Perspectives*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2007.
- Simões, J. A., & Campos, R. (2016). Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis. *Sociologias*, 18(43), 272-299.
- Weick, K. E. (1979). The social psychology of organizing (Topics in social psychology series). Columbus, OH: McGraw-Hill Humanities.
- Whitehead, A. N. (1978). *Process and reality: Corrected edition*. NY: Macmillan.